

A SABEDORIA SOCRÁTICA E O ORÁCULO DE DELLOS: PERSPECTIVAS FOUCAULTIANAS

Priscila Céspedes Cupello¹

Resumo: Na década de 1980, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) dedicou-se em seus cursos no Collège de France a realizar uma pesquisa genealógica sobre as “falas de si” começando pela análise da Grécia antiga e visando a um diagnóstico crítico do tempo presente (ERIBON, 1990). Sendo assim, a investigação da cultura do cuidado de si na Antiguidade, que girava em torno da ida dos gregos ao Oráculo de Delfos, tornou possível a reflexão sobre a relação entre o sujeito, a verdade e a subjetividade. Nos textos filosóficos, o tema do cuidado de si surgiu atrelado à figura do personagem Sócrates, tanto em diálogos platônicos quanto em textos do Xenofonte. Portanto, este artigo tem o objetivo de analisar a cultura do cuidado de si presente na Grécia clássica e a sua relação com o filósofo ateniense no que tange à profecia do Deus Apolo acerca de sua sabedoria.

Palavras-chaves: Ética, política, filosofia contemporânea

SOCRATIC WISDOM AND THE ORACLE OF DELPHI: FOUCAULTIAN PERSPECTIVES

Abstract: In the 1980s, the french philosopher Michel Foucault (1926-1984) dedicated himself during his courses at the Collège de France to carrying out genealogical research on “speaks of self”, starting with the analysis of ancient Greece and aiming at a critical diagnosis of present time (ERIBON, 1990). Therefore, the investigation of the culture of self-care in Antiquity, which revolved around the Greeks’ trip to the Oracle of Delphi, made it possible to reflect on the relationship between the subject, truth and subjectivity. In philosophical texts, the theme of self-care emerged linked to the figure of the character Socrates, both in Platonic dialogues and in texts by Xenophon. Therefore, this article aims to analyze the culture of self-care present in classical Greece and its relationship with the Athenian philosopher regarding the prophecy of the God Apollo about his wisdom.

Key-words: Ethics, politics, contemporary philosophy

¹ Historiadora, filósofa e criadora do canal de YouTube Parresiando. Pesquisadora em Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica (PPGLM/UFRJ). Email: pcespede@id.uff.br

Introdução

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) não analisou a Grécia Antiga como um helenista, cujo interesse é fazer um recorte no espaço-tempo selecionando um número determinado de fontes para construir uma narrativa específica centrada em um determinado tempo histórico. Ele também não agiu como um comentador, pois não teve o objetivo de realizar comentários como um especialista em Antiguidade. Michel Foucault agiu como um filósofo que, para construir sua própria narrativa visando uma análise crítica da contemporaneidade e valendo-se de uma perspectiva genealógica, herdeira nietzschiana da filosofia enquanto diagnóstico do presente, promoveu um olhar trans-histórico como o objetivo de problematizar como nos constituímos da maneira que somos hoje, por meio da análise crítica das continuidades e descontinuidades históricas da cultura ancestral da Grécia clássica que toda cultura Ocidental de formas variadas é herdeira. De acordo com Michel Foucault:

genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais – menores, diria talvez Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder, eis o projeto destas genealogias desordenadas e fragmentárias (FOUCAULT, 1979, p. 172).

O filósofo francês destacou que a sua forma de ler os textos antigos foi realizada mediante a leitura de vários autores, dentre eles, podemos destacar os historiadores: Pierre Nora, P. Brown, Pierre Hadot, H. Dreyfus e P. Rabinow entre outros (FOUCAULT, 2012, p. 14). Na introdução da *História da Sexualidade* (v. 2), Foucault destacou a importância do historiador

Paul Veyne na escrita de seus trabalhos. Foucault defende a pesquisa e escrita como um “exercício filosófico”, que transforma aquele que se propõe a estudar sobre um determinado tema. Paul Veyne afirmou que os oito meses finais de vida de Foucault foram dedicados à escrita e reescrita dos últimos volumes da história da sexualidade e que Foucault estava bastante empenhado no projeto de auto-estetização, ou seja, no trabalho de si sobre si (*apud* ERIBON, 1990, p. 305).

De acordo com Didier Eribon, os trabalhos desenvolvidos na década de 80 pelo filósofo francês foram dedicados à elaboração de uma “genealogia das falas de si”, cujo objetivo era analisar a historicidade da relação entre sujeito, verdade e subjetividade (ERIBON, 1990, p. 299). Ou seja, como o próprio sujeito foi capaz de construir uma narrativa singular sobre si mesmo.

Os estudos das falas de si e a constituição do sujeito em relação à subjetividade e à verdade relacionam-se diretamente com o governo da cidade e com o tema do biopoder e da biopolítica nas obras de Michel Foucault, cujo desenvolvimento foi realizado, principalmente, nas aulas no *Collège de France* intituladas: *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, território e população* (1977-1978) e *Nascimento da biopolítica* (1978-1979). Portanto, o tema do *cuidado de si* está diretamente relacionado com as questões políticas, pois são as pessoas mal educadas e deficientes de uma boa formação que vão ocupar cargos públicos e governar mal a cidade, prejudicando a todos.

A cultura do *cuidado de si* na Grécia clássica

No curso *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982) e *A Coragem da Verdade* (1984), Foucault faz um deslocamento até a Antiguidade grega para analisar a importância da ida ao Oráculo de Delfos na prática da cultura do *cuidado de si* na Grécia Antiga. Este tema aparece no episódio narrado nas *Memoráveis* de Xenofonte,

em que Sócrates pergunta a Eutidemo² se ele prestou atenção à inscrição gravada no templo de Delfos; e, caso tenha feito isto, se por acaso se preocupou, lendo o “conhece-te a ti mesmo”, em saber quem se era (XENOFONTE, *Memoráveis*, 4, 2, 24). Foucault destaca que:

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual – ou a liberdade cívica, até certo ponto foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os antigos diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio – Epícteto, Marco Aurélio... – ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral [...] nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos – para conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer – eis o aspecto familiar do *gnôthi seautón* – e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. Para os gregos, a liberdade individual era muito mais importante – contrariamente o que diz o lugar comum, mais ou menos derivado de Hegel, segundo o qual a liberdade do indivíduo não teria nenhuma importância diante da bela liberdade da cidade: não ser escravo (de uma outra cidade, daqueles que o cercam, daqueles que governam, de suas próprias paixões) era um tema absolutamente fundamental; a preocupação com a liberdade foi um problema essencial, permanente, durante os oito grandes séculos da cultura antiga. Nela temos toda uma ética que girou em torno do cuidado de si e que confere à ética antiga sua forma particular. Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: ‘cuida-te de ti mesmo’ (FOUCAULT, 1994, p. 712).

No curso *A Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault analisa a inscrição délfica *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) destacando a “subordinação” do “conhece-te a ti mesmo”

2 Eutidemo, filho de Dioclés (PLATÃO, *Banquete*, 222b). Não se deve confundir-lo nem com o Eutidemo do diálogo homônimo, o sofista; nem com o filho de Céfalo, da República.” Para a distinção entre os três Eutidemos (conferir: NAILS, 2002, pp.151-152).

“ao preceito do cuidado de si” na cultura grega Antiga (FOUCAULT, 2001, p. 6). Segundo Foucault, a prescrição délfica implicava em outras duas recomendações: *medèn ágan* (“nada em demasia”), que significa não colocar questões em excessos aos deuses, ou seja, perguntar somente o necessário; e *engýe* (as cauções) – não se comprometer com promessas que não possam ser cumpridas. Logo, a subordinação do preceito *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) ao da *epiméleia heautoû* (“cuidado de si”) remete a uma determinada prudência que se deve ter antes de procurar o Oráculo.

Ao eleger a supremacia e anterioridade necessária do “cuidado de si” em relação ao “conhece-te a ti mesmo”, Foucault salientou que a prescrição délfica não estava inserida em uma formulação do conhecimento de si “como fundamento da moral, nem como princípio de uma relação com os deuses” (FOUCAULT, 2001, p. 5). A viagem ao templo do Deus Apolo em Delfos era um longo percurso de reflexão sobre qual deveria ser a pergunta que seria realizada ao Oráculo. Era necessário pensar bastante a respeito, pois somente seria possível realizar uma única pergunta ao Oráculo. Foucault afirma que a inscrição oracular quer passar a mensagem: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo” (FOUCAULT, 2001, p. 6),

Foucault identificou na Antiguidade greco-romana a busca filosófica pela verdade atrelada a uma prática de transformação de si. Nesse sentido, tanto a filosofia platônica quanto a helenística estavam relacionadas a um convite para uma determinada arte de viver. E este examinar-se não estava atrelado a uma conduta egoísta de permanência e manutenção de um *si*, mas a uma atividade de abertura a não ser mais quem se era para se transformar em outra coisa, uma prática que estava inserida em um projeto político que visava o *cuidado de si* para o *cuidado com os outros* e, conseqüentemente, o governo da cidade (FOUCAULT, 2009).

Além do episódio contado nas *Memoráveis* de Xenofonte, Foucault destacou dois diálogos de Platão que são exemplares da atitude socrática do *cuidado de si*, que são: *Primeiro Alcibiades* e *Laques*. Esses dois diálogos são analisados como exemplos da preocupação socrática em se questionar sobre quem se é, colocando o *si* do sujeito como objeto de investigação e aprimoramento.³ De acordo com Foucault, “Sócrates é o homem do cuidado de si” (FOUCAULT, 2001, p. 10).

A sabedoria socrática e Oráculos de Delfos

Depois que seu amigo Querefonte foi perguntar ao Oráculo de Delfos qual grego era mais sábio que Sócrates e ouviu do Deus Apolo que ninguém era mais sábio que o filósofo ateniense, Querefonte imediatamente retornando de Delfos contou a profecia a Sócrates, que duvidou da sentença oracular, dando início a sua longa jornada de interpelação dos transeuntes em busca de um homem sábio. No diálogo *Apologia* de Platão, temos a narração deste momento:

Decerto conhecestes Querefonte. Foi meu amigo de infância e também vosso, amigo do povo ateniense; participou de vosso recente exílio e retornou convosco para pátria. Sabeis perfeitamente como era Querefonte e como se apaixonava quando emprendia alguma coisa. Assim, de uma feita, estando em Delfos, atreveu-se a consultar o oráculo. Como vos pedi, senhores, não vos exalteis. Perguntou, de fato, se havia alguém mais sábio que eu. Ora, a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio. A esse respeito seu irmão poderá confirmar o que vos

digo, visto já ter ele falecido (PLATÃO, *Apologia*, 21a-b).⁴

Portanto, após ouvir de seu amigo a profecia do Oráculo, Sócrates duvida que seja o homem mais sábio da Antiguidade e parte em busca de encontrar o verdadeiro sábio de sua época, iniciando sua missão divina do exame. Sócrates concebe que recebeu de Apolo a missão de encontrar um homem sábio e de fazer com que as pessoas reflitam sobre o que é a sabedoria, desse modo, examinando as opiniões que carregam em suas almas e que as fazem agir com justiça ou com injustiça. De acordo com Pierre Hadot:

A tarefa de Sócrates, que foi confiada, diz a *Defesa*, pelo oráculo de Delfos, isto é, em última instância, pelo deus Apolo, será fazer que os outros homens tomem consciência de seu próprio não saber, de sua não sabedoria. Para realizar essa missão, Sócrates agirá como quem nada sabe, isto é, com ingenuidade. É a famosa ironia socrática: a ignorância dissimulada, o ar cândido com o qual, por exemplo, ele investigou para saber se havia alguém mais sábio que ele (HADOT, 1999, p. 51).

Depois que Sócrates inicia a sua busca por um homem sábio, primeiro grupo de pessoas interrogadas foram os políticos. Segue o relato do filósofo sobre este momento:

no decurso de nossa conversação, quis parecer-me que ele passava por sábio para muita gente, mas principalmente para ele mesmo, quando, na verdade, estava longe de sê-lo. De seguida, procurei demonstrar-lhe que ele se considerava sábio sem o ser, do que resultou atizar contra mim seu ódio e de muitas pessoas presentes (PLATÃO, *Apologia*, 21c-d).

3 Foucault usa os significantes “homem” e “sujeito” para falar de Sócrates, mesmo sabendo que este último é um termo problemático em se tratando da Grécia antiga, pois o significante remete a uma noção de individualidade moderna que não estava presente no mundo Antigo. Para se referir às diferenciações do que podemos chamar “sujeito” na Antiguidade e na Idade Moderna Foucault faz uma diferenciação predicativa, no entanto, utiliza o mesmo significante para ambos os casos.

4 Na versão de Xenofonte, “Querefonte interrogava a meu respeito o oráculo de Delfos, respondeu Apolo inexistir homem mais sensato, independente, justo e sábio que eu” (XENOFONTE, *Apologia*, II, 14-15).

Depois dos políticos, Sócrates vai em busca de examinar os poetas, sobre os quais Sócrates afirma que “em pouco tempo aprendi com os poetas que não é por meio da sabedoria que eles fazem o que fazem, mas por uma espécie de dom natural e em estado de inspiração, como se dá com os adivinhos e profetas” (PLATÃO, *Apologia*, 22c). E, por fim, ele interroga os artesãos. Como segue o relato:

Tinha plena consciência de eu não sabia, por assim dizer, absolutamente nada; e estava convencido de que eles todos conheciam muitas e belas coisas. Nesse ponto não me enganara, conheciam, realmente, muitas coisas que eu ignorava, sendo nisso, precisamente, mais sábios do que eu. Contudo, atenienses, quer parecer-me que esses meritórios artífices padeciam do mesmo defeito dos poetas: pelo fato de cada um deles conhecer a fundo determinada profissão, julgavam-se também proficientes nas questões mais abstrusas, donde estragar esse defeito fundamental de todos a sabedoria de cada um. Daí ter perguntado a mim mesmo, com referência ao oráculo e da ignorância de todos, ou ser como eles, sob ambos os aspectos? A resposta dada a mim mesmo e ao oráculo era melhor ser o que sou realmente” (PLATÃO, *Apologia*, 22d-e).

Sócrates destaca que nesse processo criou muitos inimigos, como frisa nessa colocação: “Ora, esses indivíduos, assim examinados, zangam-se comigo em vez de se zangarem com eles mesmos e espalham que um celerado de nome Sócrates anda a corromper os moços” (PLATÃO, *Apologia*, 23c-d). No diálogo *Apologia* de Platão, Sócrates destaca que não teve êxito em sua busca por um homem sábio:

Com raríssimas exceções, os indivíduos tidos na mais alta conta foram os que me pareceram mais deficientes quando examinados de acordo com o preceito da divindade, enquanto outros, considerados em geral como inferiores, se afiguravam de mais claro entendimento. Precisarei relatar-vos toda a minha peregrinação e os trabalhos por que passei, para chegar à conclusão de que o oráculo era irrefutável (PLATÃO, *Apologia*, 22a-b).

Ao desconfiar do que disse o Oráculo e sair em sua missão de buscar o verdadeiro sábio, Sócrates acaba confirmando a profecia do Oráculo e tendo que admitir que os deuses são os únicos verdadeiramente sábios (PLATÃO, *Apologia*, 23a-c). Sócrates afirma:

Mas o que eu penso, senhores, é que em verdade só o deus é sábio, e que com esse oráculo queria ele significar que a sabedoria humana vale muito pouco e nada, parecendo que não se referia particularmente a Sócrates e que se serviu do meu nome apenas como exemplo, como se dissesse, homens, o mais sábio dentre vós é como Sócrates, que reconhece não valer, realmente, nada no terreno da sabedoria (PLATÃO, *Apologia*, 23a-c).

Depois do fracasso de sua busca, ele mesmo conclui ser o mais sábio entre os homens, justamente pela consciência que tinha de sua própria ignorância. Sócrates afirma “*egò gàr de ouíte méga ouíte smikrón sýnoida emautô sophòs ón*” – “pois eu, de fato, concebo para mim mesmo, que não sou nem muito nem pouco sábio” (PLATÃO, *Apologia*, 21b-c, tradução minha). Portanto, de acordo com Foucault:

A busca que Sócrates empreende é uma busca [que tem em vista] saber se o oráculo disse a verdade. Sócrates quer ter a prova do que disse o oráculo. Ele faz questão de submeter o oráculo a uma verificação. E emprega para designar a modalidade dessa busca (*zétesis*), uma palavra característica, que é importante. É a palavra *elégkhein*, que quer dizer interrogatório, opor-se ao que alguém disse para saber se o que foi dito se confirma ou não (FOUCAULT, 2009, p. 75).

Podemos dizer que os diálogos socráticos não contêm sistema doutrinal único e consolidado, mas possuem o ensinamento de um método argumentativo que tem por objetivo provocar a reflexão pela destruição de crenças constituídas por valores vulgares do senso comum ou àquelas oriundas da tradição, como por exemplo, o valor afirmativo da poesia como *paideia*. Sócrates admite sua sabedoria

das pequenas coisas, ou seja, um conhecimento propriamente humano, limitado em comparação aos deuses.⁵ De acordo com Alexandre Koyré:

Pelas suas perguntas insidiosas e precisas, pela sua dialética impiedosa e subtil, Sócrates depressa nos demonstra a fraqueza dos argumentos de seu interlocutor, o infundado das suas opiniões, a inanidade das suas crenças... mas logo que, sem fôlego, este se volta contra Sócrates e lhe pergunta por sua vez: ‘E tu, Sócrates, que pensas?’ Sócrates foge à resposta. O seu papel não é dizer-nos, emitir opiniões e formular teorias. O seu papel é examinar os outros. Quanto a si próprio, a única coisa que sabe é que nada sabe (1988, p. 10).

Podemos dizer que a boa cidade é um reflexo do bom governo de um governante, que ao se governar bem, governa bem os outros. No diálogo de Platão, temos uma reflexão de Sócrates sobre exame feito com as pessoas:

Depois, ao retirar-me, falava a sós comigo: mais sábio do que este terei de ser realmente. Pode bem dar-se que, em verdade, nenhum de nós conheça nada belo e bom; mas este indivíduo, sem saber nada, imagina que sabe, ao passo que eu, sem saber, de fato, coisa alguma, não presumo saber algo. Parece, portanto, que nesse pouquinho eu o ultrapasso em sabedoria, pois embora nada saiba, não imagino saber alguma coisa. Depois deste procurei outro, que passava por ser mais sábio, ainda, do que o primeiro; porém sempre com idêntico resultado. Desse modo, tornava-se também odiado por ele e por muitos outros (PLATÃO, *Apologia*, 21d-e).

5 Tanto nos Diálogos de Platão, quanto nas Memoráveis de Xenofonte, Sócrates se revela confiante na existência dos deuses. Como se destaca nesta citação: “crês-te um ser dotado de certa inteligência e negas existir algo inteligente fora de ti, quando sabes não teres em seu corpo senão uma parcela da vasta extensão da terra, uma gota da massa das águas, e que tão somente uma parte ínfima da imensa quantidade de elementos, entra na organização do teu corpo? Pensas haver açambarcado uma inteligência que consequentemente inexistia em qualquer outra parte, e que esses seres infinitos em relação a ti em número e grandeza sejam mantidos em ordem por força inteligente?” (XENOFONTE, *Memoráveis*, I, IV, 8-9).

John Bussanich afirma que o propósito da dialética socrática é purificar a mente de falsas crenças e guiar a alma em direção ao divino (2006, p. 200). O problema socrático é justamente: “como ensinar a virtude e como dar aos jovens as qualidades e os conhecimentos necessários, seja para viver, seja também para governar direito a cidade?” (FOUCAULT, 2009, p. 27). Todos os que foram interrogados por Sócrates acreditavam ter um conhecimento que não tinham. Para Sócrates era melhor a consciência da própria ignorância do que acreditar saber algo que não se conhecia.

Sócrates também sabia que sua atitude de demonstrar aos outros suas próprias incoerências poderiam lhe causar problemas, ao que ele afirma: “um homem de algum valor deve considerar unicamente, quando age, se o que ele faz é justo ou não, se ele se condiz como um homem de coração ou como um covarde” (PLATÃO, *Apologia*, 28b). O que Sócrates faz é mostrar corajosamente que as pessoas não sabem o que acham que sabem. Frédéric Gros destaca que:

O que dizia Sócrates ao passante com quem cruzava na praça pública? Meu caro amigo, como és belo, como és culto, como te vejo honrado por todos os lados na cidade. Como te amo, isso me alegra. Mas só uma pergunta, só uma inquietação. Vejo-te aí, respeitado por todos, vejo-te cuidando de tua saúde, de tua fortuna, de tua reputação. Mas diz-me: cuidas de ti mesmo? Esse tempo que passas a te preocupar com teu corpo, com teus bens, com tua carreira não te faz esquecer a ti mesmo? (GROS, 2018, pp. 112-113)

O filósofo colocava-se na missão de busca, prova e *cuidado* (*zétesis*, *exétasis*, *epiméleia*). A *zétesis* é o “primeiro momento da veridicção socrática (a busca). *Exétasis* é o exame da alma, a confrontação da alma e a prova das almas. *Epiméleia* é o cuidado de si” (FOUCAULT, 2009, p. 80). O exame trata de confrontar as almas examinadas com a alma de Sócrates, como se alma do filósofo fosse a “pedra de toque

(*básanos*) da alma dos outros” (FOUCAULT, 2009, p. 77). Com isso, Sócrates vai instituir um *lugar outro* para a fala filosófica, marcado justamente pelo discurso que não visa à lisonja daqueles que exercem o poder, nem agradar a multidão, já que o compromisso filosófico é com o exame das opiniões e a busca pela verdade, mas para isso é preciso ter coragem de falar a verdade, de valer-se da *parresía*, colocando-se em risco de vida ao se dirigir a quem exerce o poder.

Sócrates, o mestre do *cuidado de si*

Quando Foucault elege Sócrates como o “homem do cuidado de si” (FOUCAULT, 2001, p.10), ele não apenas se interessa em estudar o que supostamente ficou conhecido pela tradição filosófica socrático-platônica, mas principalmente pela filosofia do modo de vida socrático, ou seja, a forma como Sócrates relacionava-se com as pessoas, vivia sua vida e sua conduta perante a morte. Foucault defende que Sócrates morreu por um determinado modo de vida, que teria tido uma morte heroica. Sócrates seria peça fundamental para a valorização da prática do cuidado de si e dos outros, na medida em que a maioria das pessoas não se volta a refletir sobre si mesma, e Sócrates se apresentaria como o tábua, ou seja, um inseto pequeno que incomoda os animais, assim também ele estava sempre disposto a perturbar as existências atenienses. Foucault destaca:

Se todos em princípio são capazes de aceder à prática de si, também é fato que, no geral, poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo. Falta coragem, falta força, falta resistência – incapazes de aperceber-se da importância desta tarefa, incapazes de executá-la: este, com efeito, é o destino da maioria (FOUCAULT, 2001, p. 115).

De acordo com Foucault, esse cuidado é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são

simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo de verdade (FOUCAULT, 1994, p. 713). Logo, o tema da liberdade individual era um problema do êthos, de um certo modo de se conduzir, de se portar. “O êthos de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, pela maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos” (FOUCAULT, 1994, p. 714). A conduta ética precisa ser investida de um êthos “bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo” (FOUCAULT, 1994, p. 714). Nesse sentido, a ética (êthos) se articula a uma liberdade que também é política. “Ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem de seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada de *arkhé* – poder, comando” (FOUCAULT, 1994, p. 714) que implica também uma certa maneira de cuidar de si e dos outros.

O *cuidado de si* que Sócrates propõe não é o cuidado com as honrarias, bens ou reputação, mas o cuidado com a alma (*psykhé*) (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 130c). Para tanto é necessário o uso da razão (*phrónesis*) para tomar boas ações, que permitam rechaçar as opiniões falsas e se alinham com a verdade (*alétheia*). Logo, podemos dizer que o *cuidado de si* tem uma relação com a razão, verdade e alma, na medida em que as decisões adequadas estão em consonância com a natureza da alma.

Considerações finais

Este artigo valeu-se dos trabalhos realizados pelo filósofo francês Michel Foucault, principalmente em seus últimos cursos ministrados no *Collège de France* na década de 1980, que tinha o intuito de realizar uma pesquisa genealógica sobre as “falas de si” começando pela análise da Grécia clássica. As pesquisas foucaultianas tinham o objetivo de analisar as relações entre cultura do *cuidado*

de si, que girava em torno da ida dos gregos ao Oráculo de Delfos, e o percurso que levou Sócrates a se conceber como sábio depois da profecia de Apolo pode levar a defesa de que o filósofo ateniense era o homem do *cuidado de si* na pólis ateniense.

Foucault elege Sócrates o mestre do *cuidado de si* porque o filósofo tinha o hábito de fazer os seus interlocutores refletirem sobre o tipo de pensamento que os habitavam, quais os tipos de valores que tinham e os modos pelos quais eles agiam. Sócrates era o tavão, ou seja, o inseto que incomodava os transeuntes para olharem para si mesmos e se preocuparem em saber quem eram. Foucault defende que para Sócrates era preciso primeiro se conhecer, ou seja, saber quem se era antes de ir procurar o Oráculo.

Sócrates é o ponto de partida nas pesquisas de Foucault para analisar a cultura do *cuidado de si* na Grécia clássica, pois ele mesmo se colocou a refletir sobre quem era ao ouvir a premonição do Oráculo de Delfos, cuja sentença afirmava que o filósofo era o homem mais sábio da Antiguidade. O filósofo grego duvidou da profecia de Apolo, mas ao começar a sua procura em busca de um homem sábio se dá conta de que o Deus estava correto porque a sua sabedoria advinha da consciência de que ele tinha da própria ignorância, já que este tipo de sabedoria carecia às pessoas interrogadas por ele.

Portanto, podemos dizer que a sabedoria socrática consiste em mais do que uma verdade dogmática ou um sistema doutrinal a ser proferido, mas em uma atitude de reflexão constante sobre cada ação a ser tomada e/ou sobre cada pensamento que nos fará agir de uma determinada maneira. O diálogo socrático é aquele que convida a jogar o jogo da verdade. Ou seja, é necessário que haja alguém disposto a dizer a verdade e outro a escutá-la, para que de o jogo do diálogo promova uma transformação no *si* do sujeito, por isso ele é mestre do cuidado.

Referências bibliográficas

BUSSANICH, John. *Socrates and Religious Experience*. In: AHBEL-RAPPE, Sara; KAMTEKAR, Rachana (ed.). *A Companion to Socrates*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2006, pp. 200-213.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. In: *Microfísica do poder*. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979, pp. 167-179.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. O uso dos prazeres, vol 2, São Paulo, Ed. Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II*. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.

FOUCAULT, Michel. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In: _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. t. 4, pp.708-729.

FOUCAULT, Michel. *L'herméneutique du sujet*. Cours au Collège de France (1981-1982). Paris, GallimardSeuil, 2001.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo. Edições Loyola, 1999.

KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. Lisboa: Presença, 1988.

NAILS, Debora (1950). *The people of Plato. A prosopography of Plato and Other Socratics*. Indianapolis: Hackett, 2002.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, Belém, 2015.

PLATÃO. *Primeiro Alcibiades, Segundo Alcibiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 3).

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTÓFANES. *Defesa de Sócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates, As nuvens*. Tradução de Platão por Jaime Bruna, de Xenofonte por Líbero Rangel de Andrade e de Aristófanes por Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 2).

Submissão: agosto de 2024

Aceite: dezembro de 2024